



***O BAIRRO* DE GONÇALO M. TAVARES: MÁQUINA DE CRIAR VIZINHANÇAS**

**Maria Elisa Rodrigues
Moreira***

* elisarmoreira@gmail.com

Mestre e Doutora em Estudos Literários pela UFMG. Atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado em Estudos Literários – Teoria da Literatura junto à Universidade Federal de Uberlândia.

Resumo: A literatura contemporânea é por vezes um desafio à teoria e à crítica, em especial quando ela se apresenta através de textos inclassificáveis, que impulsionam e exigem a movimentação das fronteiras dos conhecimentos. Operando por deslocamentos, esses textos desbordam os limites dos discursos ficcional, teórico e crítico e solicitam leituras que sejam, elas próprias, mutáveis. De um lado, textos apresentados como teórico-críticos e que trazem de forma impactante a marca da invenção e da criatividade; de outro, textos “fissionais” que apresentam em sua construção uma reflexão crítica aprofundada. Este é o caso de grande parte da obra do escritor português Gonçalo M. Tavares, da qual destacamos para reflexão a série *O bairro*, tomando-a como um projeto literário que opera por deslocamentos e que, por meio da criação de vizinhanças inusitadas, coloca em questão a separação entre a reflexão crítico-teórica e a ficção.

PALAVRAS-CHAVE: Gonçalo M. Tavares; Fronteira; Literatura.

RESUMEN: La literatura contemporánea es, por veces, un desafío a la teoría y a la crítica, en especial cuando se presenta a través de textos inclasificables, que impulsan y exigen el movimiento de las fronteras de los conocimientos. Al operar por desplazamientos, esos textos desbordan los límites de los discursos ficcional, teórico y crítico y solicitan lecturas que sean, ellas mismas, mutables. Por un lado, textos presentados como teórico-críticos y que traen de forma impactante la marca de la invención y de la creatividad; por otro, textos “ficionales” que presentan en su construcción una reflexión crítica profundizada. Este es el caso de gran parte de la obra del escritor portugués Gonçalo M. Tavares, en la que resaltamos para la reflexión la serie *O bairro*, tomándola como un proyecto literario que actúa por desplazamientos y que, a través de la creación de vecindades inusitadas, pone en cuestión la separación entre la reflexión crítico-teórica y la ficción.

PALABRAS CLAVE: Gonçalo M. Tavares; Frontera; Literatura.

Normalmente, começo a escrever sem saber o que estou fazendo. Só mais tarde é que tento perceber. Afinal, os gêneros literários me parecem limitativos. (...) Para mim, a pessoa deve escrever. Ela deve ter a necessidade de escrever. Depois, olhar para aquilo e indagar: O que é esse texto? Até porque as coisas nunca são 100%. Posso dizer que meu livro Uma viagem à Índia, se calhar, tem 30% de poesia e 50% de ensaio. É isso, todos os materiais são misturados. Não há nenhum livro que seja 100% ficção, 100% romance ou 100% ensaio. Isso não existe. Por exemplo, o que seria uma frase que pensa e o que seria uma frase que conta uma história? Eu não sei a diferença.

Gonçalo M. Tavares

As invenções da filosofia não são menos fantásticas que as da arte (...).

Jorge Luis Borges

Pensar a literatura contemporânea é por vezes um desafio à teoria e à crítica, em especial quando ela se apresenta através de textos inclassificáveis, que impulsionam e exigem a movimentação das fronteiras dos conhecimentos. Operando por deslocamentos, esses textos metamorfoseiam-se continuamente, transbordando os limites dos discursos ficcional, teórico e crítico e solicitando leituras que sejam, elas próprias, mutáveis. Territórios que costumavam ser pensados a partir de fronteiras claras passam a ser invadidos, de forma a fazer com que as atividades crítica e criativa contaminem-se mutuamente, a ponto de ser difícil, em alguns casos, distinguir a natureza do território que se percorre. Se, por um lado, temos textos que, mesmo se apresentados/lidos como teórico-críticos, trazem de forma impactante a marca da invenção e da criatividade,

por outro temos textos ditos “ficcionais” que apresentam em sua construção uma reflexão crítica aprofundada.

Em ambas as situações, fica evidente a intenção de abrir, às vezes forçosamente, passagens que não apenas garantam a travessia das fronteiras entre esses territórios mas que também diluam essas mesmas fronteiras, que as tornem porosas ou por demais ampliadas, espessando os limites e fazendo com que eles se dobrem sobre si mesmos. Ficção, teoria e crítica são incorporadas em projetos híbridos, em textos fronteiriços, dialogando e atritando-se continuamente, eliminando critérios de ordem preestabelecidos e instaurando a complexidade – entendida aqui a partir das reflexões de Edgar Morin¹ – como paradigma, método e forma. A literatura, assim, passa a ser produzida e pensada num mesmo território, por meio de procedimentos semelhantes, mas por vezes dissonantes, afirmando-se como um espaço de pluralidade, de cruzamento, de passagem.

Nessa perspectiva, faz-se relevante refletir sobre as implicações de se pensar a literatura sob os signos do limite e da fronteira, palavras que apesar de nos remeterem a um mesmo campo semântico, apontam para algumas discretas diferenças de percepção, como bem aponta Cássio Hissa:

Para além da linha que demarca, é exatamente a fronteira que explicita a amplitude ou a complexidade do que não foi arqui-

1. MORIN. *O problema epistemológico da complexidade*; MORIN. *Introdução ao pensamento complexo*.

tetado para ser contido ou confinado. O que foi concebido para “por fim”, para delimitar territórios com precisão como se fosse uma linha divisória, espraia-se em uma zona de interface e de transição entre estes dois mundos tomados como distintos.²

Tomar esses textos como fronteiriços é pensá-los como “zonas de interface”, como espaços de passagem entre territórios que costumamos entender como distintos, tais como o seriam a literatura e a crítica, a criação e a produção intelectual, a arte e a ciência. Entretanto, ainda que perpassados pela ideia do limite, desse “algo que se insinua entre dois ou mais mundos, buscando a sua divisão, procurando anunciar a diferença e apartar o que não pode permanecer ligado”,³ esses textos estão marcados especialmente pela ideia da fronteira, da linha que “está voltada para fora como se pretendesse a expansão daquilo que lhe deu origem”, numa perspectiva que mais “movimenta a reflexão sobre o contato e a integração” do que sobre a “distância e a separação”.⁴

Se o problema das fronteiras coloca-nos, portanto, diante da desordem da escrita, do saber, do pensamento, ele também nos abre perspectivas: escrever num território fronteiriço é aceitar um risco e, ao mesmo tempo, dele valer-se como elemento produtivo. É nesse espaço que vai se instituir, de maneira liminar, o embate entre a ficção, a crítica e a teoria, num movimento que provoca um desbordar contínuo das

fronteiras entre umas e outras. Ao escolher a fronteira como espaço da escrita, a literatura questiona a distinção entre a ficção e a reflexão que se constrói sobre ela, seja teórica ou criticamente. Nesse processo, alguns autores trazem reflexões para o corpo da ficção, transformando-as em argumentos narrativos e criando para seus textos complexas camadas de sentido que apresentam as mais diversas vias de acesso e múltiplas possibilidades de conexão, assim como abrindo caminhos para que se reflita sobre o lugar ocupado pela literatura frente aos diversos discursos do saber e sobre seu potencial epistemológico.

Essa aproximação entre o pensamento crítico-teórico e o texto inventivo é uma estratégia à qual já recorreram diversos escritores, como Jorge Luis Borges (em textos de difícil classificação, como “Pierre Menard, autor do Quixote”⁵), Italo Calvino (por exemplo, em seu conhecido romance metafictional *Se um viajante numa noite de inverno*⁶) e Ricardo Piglia (em cuja obra destacaria *Nome falso: homenagem a Roberto Arlt*⁷), apenas para citar alguns exemplos. No entanto, a conjugação entre teoria, crítica e ficção que pode ser observada com incidência cada vez maior na literatura – assim como na teoria e na crítica – a partir de meados do século XX, encontra no princípio deste século XXI um autor que parece tomá-la como seu próprio projeto de escritura: refiro-me ao português Gonçalo M. Tavares. Em sua obra, parece-me

2. HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 35-36.

3. HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 19.

4. HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 34.

5. BORGES. Pierre Menard, autor do Quixote.

6. CALVINO. *Se um viajante numa noite de inverno*.

7. PIGLIA. *Nome falso*.

8. Em reflexão acerca do saber narrativo, Eneida Maria de Souza utiliza a expressão “reflexão narrativa” e retoma um comentário de Ricardo Piglia sobre a cena biográfica de Nietzsche recriando uma situação de Dostoiévski: Piglia afirma que um dos mais famosos episódios da história da filosofia, aquele no qual Nietzsche depara-se com um cavalo sendo cruelmente açoitado e o abraça e beija chorando, é um “efeito do poder da literatura”, pois é uma “repetição literal” de um trecho de *Crime e Castigo*. Segundo a autora, “ao declarar, a partir dessa cena, o fim da filosofia e o início da loucura de Nietzsche, o escritor argentino não só inscreve o poder de mimetização da vida em relação à literatura, mas reforça o **teor ficcional da teoria** assinada pelo filósofo” (SOUZA. Saberes narrativos, p. 59, grifos meus). Desdobrando e deslocando sua colocação, proponho trazer para esse jogo de fronteiras e passagens o movimento oposto, aquele em que se ressalta o **“teor teórico da ficção”** e, com isso, reafirma-se o **“teor político da ficção”**, uma vez que esta passa a ser concebida como um lugar de produção ativa do exercício intelectual (MERM, 2012).

que o que identifico como o “teor teórico da ficção”⁸ torna-se o elemento mobilizador de um projeto literário que não se preocupa com a delimitação dos territórios, mas sim com a mobilidade entre estes.

Tavares talvez seja um dos escritores contemporâneos com maior profusão de obras: seu primeiro livro, o *Livro da dança*, foi lançado em 2001. Desde então, já se somam mais de 30 outros títulos no mercado editorial, os quais se caracterizam pela multiplicidade e instabilidade formal: há textos em diversos gêneros (poesia, conto, romance, teatro, ensaio) e aqueles que dificilmente podem ser classificados em algum gênero, obras em que leitura, escrita e reflexão mesclam-se de maneira inextricável, textos híbridos que se localizam na fronteira entre a literatura e outras formas de pensamento e conhecimento, refletindo uma concepção de literatura muito particular, na qual esta é tomada como um espaço de reflexão, de lucidez e de movimento. Como forma de articulação de um conjunto tão distinto de produções, o próprio autor costuma agrupar seus livros em rubricas que funcionam como indicativos de projetos seriais (como *O reino*, *O bairro*, *Arquivos*, *Investigações*, *Enciclopédia*, entre outras). É sobre uma dessas séries que discorrerei ao longo deste texto, por entender que ela nos fornece um material bastante rico para se pensar na impureza de determinadas reflexões acerca do literário.

A série *O bairro* pode ser lida como uma espécie de território literário no qual o novo se constrói por meio de indícios que garantem a sobrevivência de uma certa literatura, ou seja, por um caráter ao mesmo tempo crítico e inventivo, por uma escrita que tanto retoma e analisa outras produções quanto recorre à criação para articulá-las e aproximá-las. Trata-se de um pequeno bairro no qual escritores, pensadores e artistas de origens as mais diversas, tanto temporal quanto espacialmente, tornam-se vizinhos e convivem por meio dos textos do escritor português: conta-se, hoje, com dez livros publicados, mas o mapa-diagrama que nos apresenta graficamente esse bairro em sua distribuição espacial abre-se para inúmeras possibilidades de preenchimento.

O primeiro livro publicado foi *O senhor Valéry e a lógica*, em 2002. Desde então, o mapa-diagrama que acompanha os livros da série já passou por várias mudanças. No momento de publicação do último livro, *O senhor Eliot e as conferências*, de 2010, o bairro previa 39 moradores, dos quais dez podem ser conhecidos por meio dos livros de Tavares: além dos dois já citados, temos também os senhores Henri, Brecht, Juarroz, Kraus, Calvino, Walser, Breton e Swedenborg. Um outro morador, o sr. Voltaire, apesar de ainda não incluso nas publicações de *O bairro*, já foi apresentado ao leitor por meio de uma série de crônicas publicadas no *Notícias Magazine* entre os anos de 2013 e 2014.⁹ O mapa indica, ainda, várias

9. Foi possível localizar, no site do jornal português *Notícias Magazine*, no qual Gonçalo Tavares publica uma seção semanalmente, dez textos que se iniciam com a rubrica “O senhor Voltaire e o século XX”, os quais apresentam características estruturais bastante similares aos textos relativos aos demais senhores que habitam *O bairro*. O senhor Voltaire é, assim, um dos moradores previstos no bairro, mas que habita um território distinto (não o do livro, mas o da imprensa), de forma a alargar ainda mais as fronteiras desse mapa que se procura traçar.

10. TAVARES. Ler para ter lucidez, grifos meus.
11. A série *Enciclopédia*, conhecida também como *Breves notas*, foi lançada no Brasil em 2010, numa coedição entre a Editora da UFSC e a Editora da Casa, em formato distinto daquele em que fora publicada anteriormente em Portugal. A edição portuguesa apresentou três livros em separado, lançados em épocas diferentes: *Breves notas sobre ciência*, em 2006; *Breves notas sobre o medo*, em 2007; e *Breves notas sobre as ligações [Llansol, Molder e Zambrano]*, em 2009. A edição brasileira os reuniu em uma “caixa-estante” que traz também um “Caderno de apresentação”, de autoria de Julia Studart, que se encarrega de apresentar autor e obra numa perspectiva crítica, e que pode funcionar como uma espécie de bússola para se transitar pelos volumes dessa “enciclopédia”.
12. *Biblioteca*, por seu turno, é um livro inquietante, lançado em 2004, que parece registrar um percurso de leituras composto por cerca de 300 verbetes, muito curtos, cada um dedicado a um autor escolhido pelo leitor Gonçalo M. Tavares a partir de “uma ideia ou apenas uma palavra mais usada pelo escritor (por vezes, mesmo associações inconscientes e puramente individuais)”. >>>

residências vazias, as quais funcionam como uma abertura possível a novos moradores e como um indício da infinitude desse projeto, questão levantada pelo próprio escritor:

O Bairro, no seu conjunto, e quando estiver todo pronto, é um projeto enorme. [...] Acho que no final vai ficar algo como se fosse **uma história da literatura, mas em ficção**. É, se ca-lhar, a **minha forma de fazer ensaios**. São personagens que, embora guardando um pouco o espírito do nome que levam – quer seja pelo tema, pela lógica de pensamento, escrita, etc. – são ficcionais, autônomas, personagens que fazem o seu caminho.¹⁰

Gonçalo Tavares surpreende ao construir esse seu inventário literário e crítico não por meio da citação direta, mas disfarçado sob as tramas da ficção, deixando aos leitores a tarefa de identificar, em seu texto, os indícios de uma literatura ali evocada por meio dos nomes próprios utilizados como títulos dos livros. É, como ele mesmo diz, uma forma diferente de “fazer ensaios” ou de construir “uma história da literatura”: recorrendo à ficção e, com isso, colocando em xe-que as tão estimadas compartimentações do saber reforçadas pela ciência moderna.

É interessante ressaltar que o procedimento narrativo que conduz a série *O bairro* é perceptível também em outros projetos do escritor, como a série *Enciclopédia*¹¹ e os livros *Biblioteca*¹² e *Atlas do Corpo e da Imaginação*.¹³ Mas em

O bairro, pensado como um projeto literário, acredito que essa estratégia seja explorada ao máximo, lançando ao leitor o desafio de identificar, para além do prazer da leitura derivada da narrativa daqueles “senhores”, o que ali se constrói como uma reflexão aprofundada sobre a própria literatura. Tomemos a própria rubrica da série para começar a refletir sobre ela: “o bairro”. O que significa pensar esse espaço como uma categoria socioespacial a partir da qual se ramificam perspectivas de encontro, vizinhança, proximidade, afeto? Em “O imperativo da literatura”, o escritor português afirma acreditar na capacidade que tem a literatura de causar “mudanças de trajetória”, e isso em razão dos encontros que os livros podem propiciar:

Normalmente, uma pessoa vai num determinado percurso e outra vai num percurso contrário. O encontro é achar uma espécie de diagonal. Ele jamais irá ocorrer se as pessoas continuarem no mesmo sentido. Trata-se de uma mudança de direção provocada por uma aproximação. E, nesse aspecto, além das pessoas, eu vejo os livros como uma hipótese de um encontro.¹⁴

A aproximação entre livros, a aproximação entre pessoas. Não é isso o que ele produz com a série *O bairro*, ao fazer com que esses senhores personifiquem determinadas obras e, ao se encontrarem – entre si e com seus leitores – no território de afeto que pode ser o bairro, provoquem mudanças de

12. >>> Estamos transitando no universo do conhecimento e da ordem: a leitura leva-nos a percorrer as seções alfabéticas do livro em busca de nomes conhecidos, ou a folhear esse inventário de leituras em busca de identificar, naquele breve verbete, o que ele guarda “do espírito do nome que leva”, ou o que nós, leitores, ali reconhecemos desse autor, em que nossa leitura se assemelha à de Gonçalo M. Tavares, num trabalho que possibilita a reflexão sobre o quanto são particulares os processos de leitura, os quais irão implicar na forma como ocorrerá sua restituição por meio da escrita.

13. *Atlas do Corpo e da Imaginação* foi publicado por Gonçalo M. Tavares (2013), ainda não contando com edição brasileira. >>>

14. TAVARES. O imperativo da literatura, p. 175.

15. SANTOS. *A natureza do espaço*; BEZERRA. Como definir o bairro?; GONÇALVES. Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais; LEFEBVRE. Barrio y vida de barrio.

16. TAVARES. Dicionário ilustrado: Vizinhança.

17. TAVARES. O senhor Voltaire e o século XX: a fotografia e a dança.

18. TAVARES. *O senhor Eliot e as conferências*.

19. TAVARES. *O senhor Calvino*.

20. TAVARES. *O senhor Henri e a enciclopédia*.

trajetórias? Que implicações podem se dar a partir do “avizinhamento” desses personagens – escritores, músicos, arquitetos, filósofos – no contexto de um bairro?¹⁵ O tema da vizinhança foi abordado, por exemplo, em um dos verbetes de seu “Dicionário ilustrado” – uma das séries por ele publicadas em sua coluna semanal no jornal *Notícias Magazine*. Nesse verbete, a partir de uma fotografia, assim Gonçalo Tavares define “Vizinhança”:

A vizinhança pode ser definida e sintetizada desta forma. Dois homens falam entre si, de janela para janela.

É evidente, portanto, que a vizinhança é, em primeiro lugar, uma forma de dois corpos não estarem juntos. Isso mesmo: de não estarem juntos. Só há vizinhança com afastamento, e não o contrário, como se pensa.

Duas pessoas que vivem juntas não são vizinhas; duas pessoas que dormem na mesma cama não são vizinhas. (...)

Vizinhança, excitação, amor e zanga. Fita métrica e sinal positivo ou negativo resumem estes estados. Vizinhança, amor, zanga.

A vizinhança é, por isso, definida (resumida) arquitectonicamente por duas janelas. Se dois corpos estão em duas janelas distintas então esses dois corpos são vizinhos um do outro.¹⁶

A vizinhança, então, se dá por meio de proximidade e distanciamento: duas janelas próximas o suficiente para que

se possa conversar entre elas, mas afastadas de forma a garantir que não haja sobreposição dos seres. Na vizinhança, portanto, possibilita-se o encontro garantindo a diferença e o atrito, de forma que possam ocorrer os encontros mencionados anteriormente: é preciso que as pessoas caminhem em sentidos diferentes para que se encontrem, em caminhos idênticos não há a possibilidade do encontro que provocará a mudança de trajetória, não há como traçar-se a linha diagonal. É nessa perspectiva que pensar o trânsito desses cerca de 40 senhores, acompanhado por outros que cada leitor pode pensar em ali fazer habitar, é uma rica proposta crítica e reflexiva, pois coloca em pauta as novas trajetórias que podem decorrer desses breves choques, de encontros por vezes inusitados e que só poderiam se constituir no território de uma leitura ativa. Um encontro entre cada um desses senhores e a pessoa à qual seu nome refere. Um encontro entre o senhor Voltaire e o senhor Foucault, sentados em cadeiras em uma das principais praças do bairro, olhando um álbum de fotografias.¹⁷ Um encontro entre os senhores Borges, Breton, Swedenborg e Balzac em uma das conferências do senhor Eliot organizadas pelo senhor Manganelli em um auditório do bairro.¹⁸ Um encontro entre o senhor Calvino e o senhor Duchamp para definir, a posteriori, as regras de um jogo que já haviam concluído.¹⁹ Um encontro entre o leitor e um senhor Henri obcecado pelo absinto, o qual percebe como uma máquina de produzir pensamentos.²⁰

13. >>> O livro, de mais de 500 páginas, incorpora em sua própria estrutura esse movimento constante de passagem entre distintos espaços textuais: constituindo-se como um texto de caráter prioritariamente ensaístico – que podemos chamar “texto-base”, e que deriva da tese de doutoramento de Tavares, defendida em 2005, sob o título *Corporeidade, Linguagem e Imaginação* – usa suas próprias margens para expandir essa perspectiva, fazendo-se acompanhar (ou sendo ele o texto segundo, o que acompanha) de outras duas textualidades. A primeira, uma série de cerca de mil imagens produzidas por Os Espacialistas – um coletivo de artistas-arquitetos portugueses que afirmam, em sua página no Facebook, centrar “os seus projectos na compreensão das relações espaciais, na transfiguração e na metamorfose do espaço corporalmente e simbolicamente habitado” –, as quais estabelecem com o texto ensaístico um diálogo transversal. A segunda, textos narrativos em formato de legendas, breves ou longas, que acompanham as imagens do coletivo e que aparentam servir de explicação e/ou orientação (ou o contrário) ao que as imagens sugerem.

Mas esses encontros e avizinhamentos podem ser ainda expandidos se pensarmos também nos sentidos que decorrem da constituição de um “bairro literário” se o tomarmos pelo viés da escala, ou seja, se um bairro é uma microesfera de uma cidade, o bairro taviariano poderia ser entendido como uma microesfera da literatura? Importa ressaltar, ainda em relação a esse aspecto, que Gonçalo M. Tavares se interessa muito pelas questões espaciais e da forma como as pessoas se situam no espaço, transitando pela arquitetura e com ela dialogando bem de perto. Para explicitar essa aproximação, destaco três situações: a publicação do opúsculo “Arquitectura, natureza e amor”,²¹ no qual Tavares constrói uma interessante e tangencial relação entre o arquiteto e o artista/escritor; a exposição “Senhores projectos”, ocorrida em Lisboa, em 2009, a partir de trabalhos de alunos do Curso de Arquitectura na Universidade Lusíada que projetaram as casas e o bairro dos “moradores” da série em pauta;²² e a utilização e o diálogo inextricável de seu texto com as imagens d’“Os Espacialistas”, coletivo de arquitetos já mencionado. Acredito, pois, que a escolha do “bairro” como unidade espacial/social a condensar os livros dessa série que poderia se multiplicar indefinidamente não é gratuita, mas coloca-se ela mesma como um *modo de imaginar* resistente, como um *modo de fazer política* que garante um espaço de sobrevivência para a leitura, para a literatura, para a arte. Retomamos as expressões em destaque de uma

passagem do livro *Sobrevivência dos vaga-lumes*, de Georges Didi-Huberman, na qual ele vai ressaltar a potência política da imaginação, em consonância com o que chamamos anteriormente de “teor político da ficção”.²³

Pensemos, nessa perspectiva, nos estudos que apontam para o possível desaparecimento do bairro e dos modos de vida a ele relacionados quando se pensa na modernização e urbanização das grandes cidades:²⁴ criar um bairro é, nesse contexto, criar um espaço de sobrevivência para determinadas relações espaciais e sociais, pautadas pela ideia da proximidade, do encontro e da vizinhança, ou seja, é um ato que reforça tanto o teor político quanto o teor teórico da ficção. Criar um bairro artístico-literário é garantir a sobrevivência de um espaço para a literatura, que, como os bairros, vive ameaçada por questionamentos acerca de seu possível “fim”, pois que vista como em descompasso com a velocidade e com o utilitarismo do mundo contemporâneo. Gonçalo Tavares posiciona-se claramente, em suas muitas produções e entrevistas, contra essa corrente: “A imaginação, a literatura e as artes alimentam, e isso é grandioso”.²⁵ A criação do bairro condiz, assim, com sua proposição para uma “máquina de criar vizinhos”, título de outro dos verbetes do *Dicionário ilustrado*, publicado na semana seguinte ao verbete “Vizinhança”, que seria uma máquina propiciadora de encontros e, portanto, de mudanças de trajetória:

21. TAVARES. *Arquitectura, natureza e amor*.

22. TAVARES. Qualquer casa tem uma ética; COELHO. Olá, senhor Valéry, gosta da sua casa nova?; MARQUES. Novas formas de habitar “o Bairro” de Gonçalo M. Tavares.

23. DIDI-HUBERMAN. *Sobrevivência dos vaga-lumes*, p. 60-61.

24. BEZERRA. Como definir o bairro?; LEFEBVRE. Barrio y vida de barrio.

25. TAVARES. A literatura é uma investigação que não termina.

26. TAVARES. Dicionário ilustrado: Máquina de fazer vizinhos.

Máquina de fazer vizinhos. O procedimento é então o seguinte: dois sujeitos que não se conhecem entram para esta máquina de fazer vizinhos, para este compartimento de criação de vizinhos e chegando, então, cada um por seu pé a cada uma das janelas e colocando cada um a sua cabeçorra para fora na direcção do outro, cruzarão olhos e dirão, simplesmente: como está vizinho? Uma frase simples, mas que inicia o processo.²⁶

Essa máquina, conforme o narrador, deveria ser “portátil” de modo a ser facilmente transportada para “o centro das cidades”, onde integrantes do “Comité da Multiplicação de Vizinhos no Mundo” mobilizariam os transeuntes a nela adentrarem e a, com um cumprimento, iniciarem o processo da disseminação de vizinhanças: “Cumprimentar-se-iam, de janela para janela, com um aperto de mão. E poderiam depois regressar à rua, retomando a vida normal, cada um avançando para uma direcção distinta, mas agora já não como dois estranhos, mas como dois vizinhos ou, pelo menos, como dois ex-vizinhos.”²⁷ Creio que o bairro tavariano pode ser pensado como uma dessas máquinas de fazer vizinhos. Um motor para dar início aos encontros, bastando para isso que sejam ali inscritos seus moradores. Encontros diversos, como indicamos anteriormente. Divertidos, trágicos, inesperados. Encontros entre personagens e leitores, entre autores e textos, entre arte e ciência. Encontros marcados pela impureza, pelo “e” em lugar do “ou”: “No limite, o

27. TAVARES. Dicionário ilustrado: Máquina de fazer vizinhos.

‘ou’ é de exclusão definitiva, remete para uma espécie de inimizade, para dois campos. O ‘e’, pelo contrário, remete para as ligações, o que me interessa muito mais”, afirma Gonçalo Tavares.²⁸ Encontros, enfim, que reforcem a resistência da imaginação, a resistência da leitura, a resistência de certas formas de as pessoas se relacionarem entre si e com o mundo que as cerca, a resistência às compartimentações e às oposições excludentes.

Conforme Julia Studart, a resistência é pontuada por Gonçalo Tavares em relação à sua literatura, ao seu próprio processo de leitura e escrita: “ele insiste em dizer, categoricamente, muitas vezes, que a sua literatura vem do seu exercício resistente de leitor”,²⁹ exercício esse que se apresentaria também pelo ato “de tomar posse da trajetória das escrituras” de muitos autores. A resistência da leitura pode ser entendida como a persistência de um olhar crítico, como a insistência de um leitor que deseja apropriar-se daquele texto que acessa valendo-se do atrito, ou seja, fazendo-o seu sem que deixe de ser do outro, “uma posse, mas também um projeto de escritura despossessiva”.³⁰ O exercício resistente de um leitor que se nega a fazer da leitura e da escrita movimentos opostos, que rejeita a imposição de limites entre atos que entende como intercambiáveis, que deseja uma literatura marcada pela impureza e pelo acréscimo. Um escritor que acredita que sua responsabilidade não é somente para com o

28. TAVARES. Gonçalo M. Tavares: uma ficção que pensa.

29. STUDART. *O impacto da impressão, as breves notas*, p. 9.

30. STUDART. *O impacto da impressão, as breves notas*, p. 11.

que produz, mas também para com aquilo que lê e que mobiliza sua escritura: “O escritor tem uma responsabilidade, não apenas em relação ao momento presente e ao que aí vem, mas, antes de mais, em relação ao passado. (...) É responsabilidade do escritor contemporâneo estar atento aos sinais que os escritores clássicos nos deixaram”.³¹

31. TAVARES. O romance ensina a cair.

O bairro de Tavares funciona, portanto, para retomar uma expressão de Cássio Hissa, como uma “frase-fronteira”, ou seja, como um texto que em lugar de se apresentar como uma “ideia-limite”, que sugere o fechamento, opera como uma “sentença-abertura”, que nos faz “pensar o mundo e todas as possibilidades de percebê-lo também a partir dos lugares, das instituições, dos sujeitos”.³² Ao incorporar a teoria e a crítica em seu próprio fazer ficcional, as narrativas do escritor português, com destaque para aquelas que compõem *O bairro*, avançam em direção aos mais diversos campos do saber, necessitando, para manter sua força motriz, criar-se no interstício dos discursos, num espaço em que a hibridez seja a garantia das possibilidades de instituição de vizinhanças criativas para o conhecimento.

32. HISSA. *A mobilidade das fronteiras*, p. 133.

Narrativas como as aqui citadas ultrapassam o escopo do puramente literário e abrem-se para as diversas possibilidades oferecidas pela palavra escrita: por meio da impureza e da mistura de gêneros, da hibridação entre ensaio e ficção, do deslocamento da crítica, da teoria e da história literárias,

constituem-se como discussões acerca das fronteiras, acerca do que a narrativa pode proporcionar e potencializar em termos de conhecimento. São, recuperando a epígrafe do autor com a qual abrimos este artigo, ao mesmo tempo, frases que pensam e frases que contam histórias.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Josué Alencar. Como definir o bairro? Uma breve revisão. **Geotemas**, Pau dos Ferros, v. 1, n. 1, p. 21-31, jan./jun. 2011.

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor do Quixote. **Ficções**. Trad.: Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 34-45.

CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno**. Trad.: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COELHO, Alexandra Prada. Olá, senhor Valéry, gosta da sua casa nova? **Ipsilon**, Lisboa, 23 jul. 2009. Disponível em: <http://ipsilon.publico.pt/artes/texto.aspx?id=237182>. Acesso em 03 fev. 2014.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad.: Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GONÇALVES, António Custódio. Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. **Revista da Faculdade de Letras-Geografia**, Porto, v. 4, p. 15-32, 1988.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LEFEBVRE, Henri. Barrio y vida de barrio. In: **De lo rural a lo urbano**. Trad.: Javier González-Pueyo. Barcelona: Península, 1978. p. 195-203.

MARQUES, Joana Ganilho. Novas formas de habitar “o Bairro” de Gonçalo M. Tavares: sobre os projetos Galerista por um dia e Senhores Projetos no Bairro de Gonçalo M. Tavares. **Estúdio**, Lisboa, v. 3, n. 5, p. 161-166, 2012.

MERM, 2012.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. 3. ed. Mem Martins: Europa América, 2002.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad.: Eliane Lisboa. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PIGLIA, Ricardo. **Nome falso**: homenagem a Roberto Arlt. Trad.: Heloisa Jahn. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SOUZA, Eneida Maria de. Saberes narrativos. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 56-66, jan.-jun./2004.

STUDART, J. **O impacto da impressão, as breves notas** (caderno de apresentação). Florianópolis: Ed. UFSC/Ed. da Casa, 2010.

TAVARES, Gonçalo M.; HISSA, Cássio Eduardo Viana. De arte e de ciência: o golpe decisivo com a mão esquerda. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana (Org.). **Conversações**: de artes e de ciências. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 125-150.

TAVARES, Gonçalo M. O bairro. Entrevista. **Portal da Literatura**, 2006. Disponível em: <http://www.portaldaliteratura.com/entrevistas.php?id=8>. Acesso em: 10 ago. 2010.

TAVARES, Gonçalo M. Ler para ter lucidez. Entrevista. **Entrelivros**, São Paulo, n. 29, set. 2007. Disponível em: http://www2.uol.com.br/entrelivros/artigos/goncalo_m_tavares_-ler_para_ter_lucidez-.html. Acesso em 08 jul. 2010.

TAVARES, Gonçalo M. **O senhor Calvino**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

TAVARES, Gonçalo M. **Arquitetura, natureza e amor**. Porto: Dafne Editora, 2008.

TAVARES, Gonçalo M. **Biblioteca**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

TAVARES, Gonçalo M. **O senhor Breton e a entrevista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

TAVARES, Gonçalo M. Qualquer casa tem uma ética. Entrevista. **Ipsilon**, Lisboa, 23 jul. 2009. Disponível em: <http://ipsilon.publico.pt/artes/entrevista.aspx?id=237158>. Acesso em 03 fev. 2014.

TAVARES, Gonçalo M. **Breves notas sobre ciência**. Florianópolis: Ed. UFSC/Ed. da Casa, 2010.

TAVARES, Gonçalo M. **Breves notas sobre o medo**. Florianópolis: Ed. UFSC/Ed. da Casa, 2010.

TAVARES, Gonçalo M. **Breves notas sobre as ligações (Llansol, Molder e Zambrano)**. Florianópolis: Ed. UFSC/Ed. da Casa, 2010.

TAVARES, Gonçalo M. Literatura como projeto de vida. Entrevista publicada no Portal Saraiva Conteúdo, 22 jun. 2010. Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10333>. Acesso em 05 set. 2013.

TAVARES, Gonçalo M. O romance ensina a cair. Entrevista. **Ipsilon**, Lisboa, 27 out. 2010. Disponível em: <http://ipsilon.publico.pt/livros/texto.aspx?id=268246>. Acesso em 10 dez. 2013.

TAVARES, Gonçalo M. Gonçalo M. Tavares e a glória do português. Entrevista. **Veja Meus Livros**, São Paulo, 03 set. 2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/entrevista/goncalo-m-tavares-e-a-gloria-do-portugues/>. Acesso em 10 fev. 2014.

TAVARES, Gonçalo M. **O senhor Valéry e a lógica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

TAVARES, Gonçalo M. **O senhor Eliot e as conferências**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

TAVARES, Gonçalo M. **O senhor Henri e a enciclopédia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do Corpo e da Imaginação**: teoria, fragmentos e imagens. Alfragide: Caminho, 2013.

TAVARES, Gonçalo M. Gonçalo M. Tavares: uma ficção que pensa. Entrevista a Luís Ricardo Duarte e Maria Leonor Nunes. **Jornal de Letras**, 15 nov. 2013. Disponível em: <http://visao.sapo.pt/goncalo-m-tavares-uma-ficcao-que-pensa=f757611#ixzz2lhkhiblj>. Acesso em 08 set. 2014.

TAVARES, Gonçalo M. A literatura é uma investigação que não termina. Entrevista a Isabel Lucas. **Público**, 25 dez. 2013. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/a-literatura-e-uma-investigacao-que-nao-termina-328998>. Acesso em 02 out. 2014.

TAVARES, Gonçalo M. O senhor Voltaire e o século XX: a fotografia e a dança. **Notícias Magazine**, 17 nov. 2013. Disponível em: <http://noticiasmagazine.blogs.dev.controlinveste.pt/2013/11/21/o-senhor-voltaire-e-o-seculo-xx-a-fotografia-e-a-danca/>. Acesso em 10 nov. 2014.

TAVARES, Gonçalo M. O imperativo da literatura. In: GONÇALVES, José Eduardo (Org.). **Ofício da palavra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 174-191.

TAVARES, Gonçalo M. Dicionário ilustrado: Vizinhança. **Notícias Magazine**, 28 mai. 2014. Disponível em: <http://www.noticiasmagazine.pt/2014/dicionario-ilustrado-vizinhanca/>. Acesso em 10 nov. 2014.

TAVARES, Gonçalo M. Dicionário ilustrado: Máquina de fazer vizinhos. **Notícias Magazine**, 02 jun. 2014. Disponível em: <http://www.noticiasmagazine.pt/2014/dicionario-ilustrado-maquina-de-fazer-vizinhos/>. Acesso em 10 nov. 2014.